

LA PORTA, Ernesto M. *Estudo psicanalítico dos rituais afro-brasileiros*. Rio de Janeiro, Livraria Atheneu, 1979. 183 p.

Sebastião Vila Nova

A Psicanálise enquanto interpretação da sociedade e da cultura, e não apenas técnica terapêutica, está tradicionalmente ligada à Etnografia. Quando Malinowski, em 1924, submeteu a suposta universalidade da interpretação psicanalítica da personalidade à crítica sócio-antropológica, não pretendeu negar a validade científica da Psicanálise, nem, muito menos, a possibilidade de conciliação da concepção psicanalítica do homem com a Antropologia Cultural. Ao contrário, sua preocupação decorria precisamente do fato de que ele "não gostaria de ver a Psicanálise divorciada da ciência empírica da cultura, nem o trabalho descritivo em Antropologia privado da assistência psicanalítica" (MALINOWSKI, Bronislaw. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis, Vozes, 1973, p. 123), pois considerava "demasiado ambiciosas" as pretensões da Psicanálise como "um sistema pelo qual devia ser explicada a maior parte dos fenômenos do corpo e do espírito, da sociedade e da cultura" (ibid., p. 119). Interpretação da cultura e da sociedade, teoria do desenvolvimento da personalidade e técnica terapêutica, no final de contas, não constituem partes estanques da Psicanálise, porém, ao menos idealmente, se complementam.

Se a invenção de Freud é indissociável da Etnografia e da Etnologia, não temos evidências que nos possibilitem afirmar que os psicanalistas, em sua maioria, estejam, nos dias de hoje, muito interessados no que acontece fora do conforto uterino da sua especialidade, da sua perspectiva teórica estrita e, sobretudo, dos seus consultórios. Ao menos enquanto psicanalistas. Não é este, porém, o caso de Ernesto La Porta, que faz questão de lembrar, o que é sem dúvida sintomático, que "a Psicanálise deixou de ser apenas (o grifo é dele) Psicopatologia para ser um conhecimento do homem e da cultura" (p. 115). Apesar dos riscos de uma abordagem reducionista do sócio-cultural, o livro de La Porta é exemplo pouco comum do saudável interesse, entre psicanalistas, pelas inevitáveis intersecções da Psicanálise com a Etnologia e a Sociologia.

Firmado na convicção de que, "apesar das deturpações da linguagem e dos objetos, o homem tem uma tendência inata e o direito de descobrir a verdade, porque, somente se restabelecida esta, pode desalienar-se e ser mais feliz", (p. 169) La Porta registra o resultado de "mais de vinte anos de pesquisa, observação, trabalho de gabinete, de campo e consultório", (idem) sendo o trabalho de campo realizado em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e Dacar, com rápida incursão no interior do Senegal. Interessado na interpretação dos ritos e da

sua função simbólica, La Porta estuda predominantemente as expressões sincréticas das seitas afro-brasileiras, como a umbanda.

O livro está dividido em três partes. Na primeira — “A Psicanálise, um instrumento de pesquisa” —, o Autor “trata de alguns aspectos da Psicanálise, utilizada como instrumento selecionador e aglutinador dos dados obtidos no trabalho de campo” (p. 1). Esta parte constitui, graças à extrema habilidade didática e ao domínio da teoria psicanalítica que La Porta revela, uma utilíssima introdução aos conceitos, generalizações, postulados, hipóteses e controvérsias fundamentais da Psicanálise, o que torna o livro, apesar da verticalidade do tratamento das questões, acessível ao leitor não iniciado na matéria, coisa tão rara na bibliografia corrente, hoje em dia, na área da ciência do comportamento. Começando com um “esboço da mente humana e do seu funcionamento, (. . .) passa aos poucos para o campo cultural e social”, (p. 1) a exemplo do que aconteceu — assinala La Porta — com o trabalho do pai da Psicanálise.

A segunda parte — “Os cultos afro-brasileiros: a pesquisa” — compreende seis dos catorze capítulos do livro e é acentuadamente etnográfica. É na terceira parte — “O mito e o complexo” — que La Porta empreende a interpretação psicanalítica dos ritos observados. No último capítulo — “Uma interpretação para refletir”, uma espécie de síntese interpretativa do livro —, porém, é que o Autor chega às conclusões psicanalíticas mais significativas da sua reflexão. Explorando os aspectos filicidas que ele constata nos rituais afro-brasileiros, La Porta procura demonstrar, com erudição nada surpreendente a essa altura do livro, que esses aspectos nada mais são do que “uma manifestação de ambição e poder”, (p. 169) pois, no ritual, simbólica e recorrentemente, “os filhos são imolados em função da ambição e do poder parental” (idem). O livro se fecha com um apêndice de modo nenhum apartado da atmosfera teórico-interpretativa de todos os seus capítulos: uma interpretação da lenda gaúcha do negrinho do pastoreio.

De lamentar, apenas, é que La Porta tenha posto de lado as imprescindíveis referências bibliográficas às copiosas transcrições e citações de que lança mão nas suas argumentações, o que, mesmo assim, não chega, de modo algum, a diminuir o valor da sua contribuição à divulgação do pensamento psicanalítico, à interpretação dos rituais afro-brasileiros e ao estímulo à uma saudável e promissora aproximação da Psicanálise em relação à Etnologia, através da compreensão de uma das mais representativas e desafiadoras manifestações da cultura brasileira.